

362

Revista Portuguesa de História

Homenagem aos Professores

Luís Ferrand de Almeida

António de Oliveira

Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra
Instituto de História Económica e Social
Coimbra 0304

A propósito do capítulo 186 do «Livro dos Mortos»: Hathor e as barcas

Luís **MANUEL DE ARAÚJO**

Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa

Entre os diversos textos religiosos do antigo Egipto um dos mais conhecidos é o chamado «Livro dos Mortos»¹, expressão moderna que procura traduzir, de forma não muito inspirada, o verdadeiro título egípcio da compilação: *Rau nuperet em heru*, isto é, «Capítulos para sair à luz do dia». Entre os quase duzentos capítulos que constituem este «livro», indispensável para que o defunto alcance o outro mundo, encontra-se, já na sua fase final, o capítulo 186, o qual pretende ser a exaltação da deusa Hathor como senhora do Ocidente, isto é, como zeladora da necrópole tebana².

Para atingir o outro mundo, onde o defunto iria fruir a vida eterna, era necessário comparecer perante o tribunal de Osiris, o deus dos mortos. Na sala do tribunal, onde por vezes estavam presentes várias divindades (Tot, Anúbis, Hórus, Ísis, Néftis e Maet), era proferida a confissão negativa, através da qual o morto afirmava o que não tinha feito na sua vida terrena. Ele dizia, no longo capítulo 125, essencialmente: «Eu não roubei, eu não fiz sofrer, eu não matei,

¹ Ver ARAÚJO, «Livro dos Mortos», em *Dicionário do Antigo Egipto*, pp. 513-517.

² Para a importância da deusa Hathor e do seu culto veja-se SALES, *As Divindades Egípcias*, pp. 174-181.

eu não blasfemei contra deus, eu nunca fiz mal a ninguém». A importância que o «Livro dos Mortos» tinha para os defuntos comprova-se pelo facto de muitos exemplares terem sido encontrados junto da própria múmia ou até inseridos nas faixas mortuárias, sendo ainda de sublinhar que certas passagens podiam ser inscritas nas paredes do túmulo. É certo que Osiris e o deus solar Ré são as divindades mais solicitadas no texto, mas Hathor aparece também com frequência como protectora do defunto.

O texto era geralmente escrito num rolo de papiro, com belas vinhetas coloridas que ilustravam as colunas de hieróglifos cursivos, como se pode ver, por exemplo, num dos melhores exemplares chegados até nós: o papiro feito para o escriba Ani, da XIX dinastia (meados do século XIII a. C.), que se encontra no British Museum³. Os papiros contendo o «Livro dos Mortos» nem sempre apresentam idênticas ilustrações, variando consoante o gosto pessoal de iconógrafos e desenhadores, e são raros os que inserem a totalidade dos capítulos. O exemplar feito para Ani, que serve de base para o presente estudo, tem cerca de sessenta capítulos, cuja ordenação também não condiz com outros textos (por exemplo, o primeiro capítulo a aparecer é o 30 B e só depois vem o 1, seguido pelo 22 e o 21).

O capítulo 186 é composto por um pequeno texto de evocação hatórica com uma ilustração colorida onde, ao contrário de outros exemplares, não se vê o defunto, embora a participação do osirificado esteja bem demonstrada com a presença do bem fornecido e engrinaldado altar de oferendas. O altar com dois elegantes pés altos exhibe as oferendas ordenadamente empilhadas como é típico das representações descritivas caracterizadas pela ausência de perspectiva, onde os produtos se sobrepõem por forma a que sejam facilmente identificados. O conjunto tem armações florais com a sintomática presença das flores de lótus que evocam, entre outros predicados, a juvenilização eterna.

Segue-se, em frente do altar, a pesada deusa Taueret, com o significado de «A Grande», que os Gregos mais tarde chamarão de Tuéris⁴. A deusa tem um rotundo corpo de hipopótamo fêmea, onde mal se vêem os seios pendentes que habitualmente exhibe, os membros superiores são humanos embora rematados com patas leoninas, com as garras pintadas de branco, e os membros inferiores são leoninos. Atrás, e partindo do final da espessa cabeleira, cai-lhe uma cauda de crocodilo. A benéfica deusa Taueret está sobre um pedestal de cornija

³ Belas reproduções do papiro de Ani podem ser apreciadas em *The Egyptian Book of the Dead. The Book of Going Forth by Day*, a obra que utilizámos para a elaboração do presente texto.

⁴ Para a importância da deusa Taueret veja-se SALES, *As Divindades Egípcias*, pp. 322-325; compare-se com Ammut, pp. 358-359 e também com Opet (Apet), pp. 325-326.

decorada exibindo na mão direita um archote e na esquerda, pousada sobre um grande signo hieroglífico que significa protecção (*sa*), segura o signo da vida (*ankh*). Um rico colar pende dos ombros e cai-lhe sobre o peito. Na cabeça tem um disco solar vermelho ladeado por afilados cornos que partem de um elemento de suporte. Esta cornamenta liriforme solarizada é típica da iconografia de Hathor, pelo que assim fica mais intimamente estabelecida a ligação entre as duas divindades: é que Taueret acaba por ser, na circunstância, intermediária entre o defunto e Hathor.

A figura de Taueret contrasta com as inquietantes formas de Ammut, à letra «A que engole os mortos», o monstro devorador dos corações impuros que ameaçadoramente se posta junto da balança do julgamento osírico final, onde o coração do defunto está a ser pesado num dos pratos⁵. Este é o momento dramático da pesagem do coração que tem no outro prato a leve pena de Maet, a deusa da verdade, justiça, harmonia, equilíbrio, ordem e rectidão⁶. E era de acordo com estes elevados preceitos morais, temperados com muito humanismo e tolerância, que o ser humano se devia comportar na sua efémera vida terrena para que incólume alcançasse o Além⁷.

À direita da gravura aparece Hathor em forma de vaca, com a mesma cornamenta liriforme solarizada, reforçada ainda por duas altas plumas de avestruz que por vezes ladeiam a coroa branca de Osiris. A imensa cabeça da vaca hatórica assoma da montanha ocidental, a região do silêncio, da morte, mas também do prazer eterno, numa alusão aos predicados erotizantes de Hathor como deusa do amor, da alegria e da fecundidade, e que os poemas líricos apresentam como a Única e a Dourada⁸. O bem desenhado olho da vaca tem aqui um cuidadoso tratamento hórico, simbolizando o profiláctico e benfazejo olho

⁵ São diversas as imagens que mostram a cena da pesagem do coração no tribunal de Osiris (capítulo 125 do «Livro dos Mortos»). Em geral está presente o deus Tôt para anotar o resultado da pesagem e Ammut, devoradora de corações. A diferença mais evidente entre a benéfica Taueret e a perturbante Ammut reside no facto de esta ter cabeça de crocodilo e patas traseiras de hipopótamo. Para a cena da pesagem do coração veja-se *The Egyptian Book of the Dead. The Book of Going Forth by Day*, plate 3.

⁶ Para a importância da deusa Maet e do conceito de *maet* veja-se ARAÚJO, «Maet», em *Dicionário do Antigo Egipto*, pp. 524-536.

⁷ O comportamento do defunto durante a sua vida terrena era apresentado, através de uma longa confissão negativa contida no capítulo 125 do «Livro dos Mortos», no julgamento presidido por Osiris. Para uma útil apreciação do referido capítulo veja-se *The Egyptian Book of the Dead. The Book of Going Forth by Day*, plate 31; cf. B ARGUET, *Le Livre des Morts*, pp. 158-160 e ALLEN, *The Book of the Dead*, pp. 97-98.

⁸ Ver, para a presença da deusa Hathor na poesia lírica, SOUSA, *Os Doces Versos*, com elucidativos comentários; ver também ARAÚJO, *Estudos sobre Erotismo no Antigo Egipto*.

de Hórus, o *udjaf*. O pescoço está adornado com um vistoso colar que envolve o grosso pescoço do animal e que se compõe de mais duas partes, uma que cai à frente e outra que sai atrás em forma de contrapeso - o contrapeso *menât*^{9 10}.



Fig. 1 - Ilustração do capítulo 186 do «Livro dos Mortos» feito para o escriba Ani: o altar de oferendas, Taueret e Hathor saindo da montanha ocidental por entre os papiros (British Museum).

A paisagem montanhosa de onde a vaca emerge mostra o tratamento diferenciado do penhasco, com listas ponteadas que procuram sugerir as anfractuosidades da montanha tebana com os seus calhaus dispersos¹¹. A montanha está parcialmente encoberta por um bosque de papiros, uma planta também ligada ao renascimento e à vida eterna. Trata-se neste caso de uma paisagem incongruente, que não corresponde à crua realidade dos inóspitos penhascos das necrópoles.

⁹ Para a importância do amuleto *udjat* veja-se LURKER, *The Gods and Symbols of Ancient Egypt*, p. 128.

¹⁰ Para a importância do amuleto *menât* veja-se LURKER, *The Gods and Symbols of Ancient Egypt*, p. 79.

¹¹ Opinião de Ogden Goelet, em *The Egyptian Book of the Dead. The Book of Going Forth by Day*, p. 170.

Os tufos de papiros encontram-se ali sem qualquer relação com o espaço montanhoso, antes se apresentam como um envoltório anunciador do aparecimento de Hathor, ou, como sugere Ogden Goelet, uma evocação dos frondosos bosques dos tempos primordiais onde o gado bravo vivia livremente¹². A deusa Hathor era especialmente venerada na região tebana como protectora dos defuntos, sendo o airoso templo funerário da rainha Hatchepsut em Deir el-Bahari, adossado à montanha, um magnífico exemplo do culto hatórico na região¹³.

No canto inferior direito figura a capela funerária do defunto, pintada de branco, com a porta antecedida por uma pequena rampa com duas colunas em forma de caule de papiro (*uadj*)¹⁴. O edifício é rematado por uma pequena pirâmide (com um piramidião no topo e um nicho para conter uma estátua divina), que no Império Novo se tomou um elemento arquitectónico característico das necrópoles tebanas¹⁵.

Quanto ao texto hieroglífico, que no caso do exemplar de Ani apresenta signos cursivos feitos com mão segura a tinta preta, ele dispõe-se por forma a ser lido de cima para baixo e da esquerda para a direita (quando o habitual era a leitura da direita para a esquerda), distribuindo-se por dez colunas separadas por traços verticais. A tradução do texto é a seguinte:

«Hathor, senhora do Ocidente,
que está na grande montanha,
senhora da terra sagrada,
Olho de Ré, colocado na sua frente,
de belo rosto na barca de milhões de anos,
lugar de repouso para quem pratica a *maet*
no interior de si mesmo.
barca para os seus favoritos,
que fez a grande barca *nechemet*
para com ela atravessar o justo.»¹⁶

¹² *Ibidem*.

¹³ Outras divindades evocadas no grande templo funerário de Deir el-Bahari são Anúbis, Osiris, Ré e Amon.

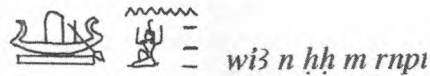
¹⁴ Para a importância do pilar *uadj*, como estilização do caule de papiro, veja-se LURKER, *The Gods and Symbols of Ancient Egypt*, p. 94.

¹⁵ A pirâmide como símbolo funerário exclusivamente real manteve-se durante o Império Antigo e o Império Médio, por um período de cerca de mil anos. Os monarcas do Império Novo (1560-1070 a. C.) preferiram construir os seus túmulos em hipogeus escavados na montanha tebana do Vale dos Reis.

¹⁶ Traduzido a partir da versão de FAULKNER, *The Ancient Egyptian Book of the Dead*, p. 180 e da versão contida em *The Egyptian Book of the Dead. The Book of Going Forth by Day*, plate 37; cf. a versão de BARGUET, *Le Livre des Morts*, p. 272.

São quatro os desenhos que representam barcas:

Na quinta coluna (a contar da esquerda) está a barca solar de milhões de anos^{17 18}, ou seja, a barca da eternidade, indicada por vezes apenas como «barca de milhões» (em egípcio *uia en heh em renput*), como é aqui o caso:



Na sétima coluna está urna segunda barca, aqui tomada num sentido mais geral de embarcação (em egípcio *depet*)^K, onde navegariam os favoritos da deusa:



A barca da nona coluna é um determinativo da palavra *nechemet* que vem no final da coluna anterior, aludindo à barca sagrada de Osiris^{17 18 19}, também conhecida por barca sagrada de Abido²⁰:



Finalmente, na última coluna surge mais uma barca, que é o determinativo da palavra da coluna anterior, que é o verbo navegar (no céu), em egípcio *djai*²¹, isto é, atravessar o céu na barca solar:



Esta notória presença das barcas em tão curto texto acaba afinal por enfatizar a navegação celestial eternamente à disposição do defunto que passou exitosamente sem pecados pelo tribunal de Osiris²². Essa navegação era garantia da eternidade porque o defunto podia diariamente, tal como o deus Ré, viajar

¹⁷ Ver FAULKNER, *Dictionary*, p. 56.

¹⁸ Ver FAULKNER, *Dictionary*, p. 312.

¹⁹ Ver FAULKNER, *Dictionary*, p. 140.

²⁰ Para a barca sagrada de Abido ver GARDINER, *Egyptian Grammar*, p. 499 (Sign-list).

²¹ Ver FAULKNER, *Dictionary*, p. 318.

²² A presença de barcas evocando a navegação celestial dos deuses pode ser detectada em vários capítulos do «Libro dos Mortos». Veja-se, por exemplo, os capítulos 15, 17,43, 133,134, entre outros.

na barca solar no céu diurno e no céu nocturno da Duat. Osiris e Ré reflectem os dois aspectos da perenidade almejada no processo de transfiguração e ressurreição: o que o defunto mais desejava era conseguir a osirificação para se tomar um deus no outro mundo e a solarização para poder de lá sair, viajando na barca de Ré.²³

Graças ao seu comportamento solidário, justo, correcto e maético durante a sua vida terrena o defunto osirificado pode também fruir de urna segura navegação na barca *nechet* de Osiris, feita por Hathor, e, sendo ao mesmo tempo solarizado, desfruta da navegação na barca de milhões de anos de Ré na qualidade de favorito de Hathor, senhora do Ocidente e da terra sagrada (a necrópole), protectora dos mortos, esses eternos nautas no infindo oceano do céu.

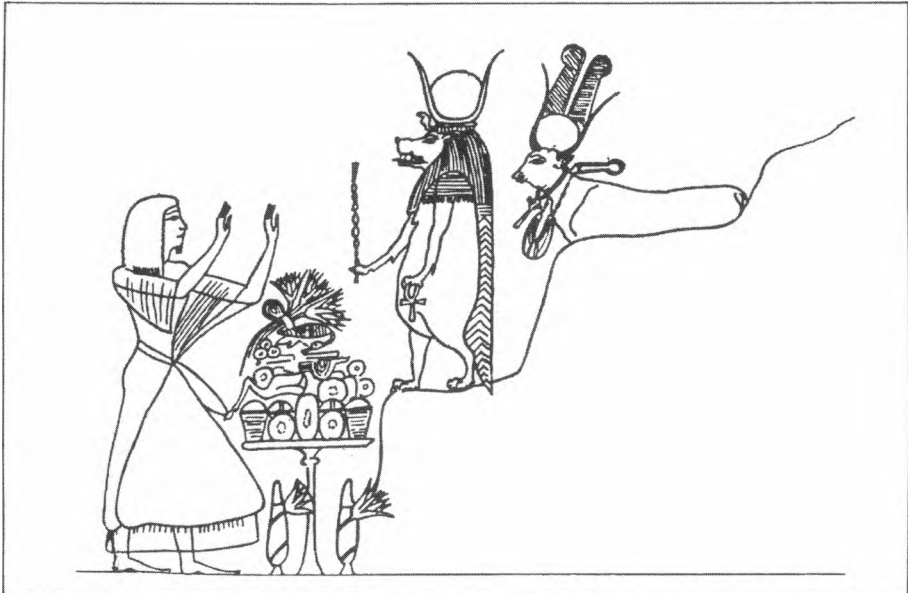


Fig. 2 - Ilustração a traço do capítulo 186 do «Livro dos Mortos»: o defunto, perante o altar de oferendas, venera Taueret, intermediária entre ele e Hathor que aparece saindo da montanha ocidental (em Barguet, *Le Livre des Morts*, p. 272)

²³ Em imagens gravadas em túmulos, em estelas e em objectos rituais vê-se o defunto como tripulante da barca solar, em companhia dos deuses. Por vezes é ele mesmo que conduz a barca (veja-se a preciosa peça de bronze que se mostra na colecção egípcia do Museu Calouste Gulbenkian e que se reproduz no catálogo de ASSAM, *Arte Egípcia*, p. 91). Embora habitualmente Hathor não figure entre as divindades que com o morto navegam na barca solar é sintomático que ela seja apresentada como construtora da barca *nechet*.

Bibliografia

- Thomas ALLEN, *The Book of the Dead or Going Forth by Day*, The Oriental Institute of the University of Chicago, 1974.
- Luís Manuel de ARAÚJO, *Estudos sobre Erotismo no Antigo Egipto*, Lisboa, Edições Colibri, 1995.
- Luís Manuel de ARAÚJO, «Livro dos Mortos», em *Dicionário do Antigo Egipto*, Lisboa, Editorial Caminho, 2001, pp. 513-517.
- Maria Helena ASSAM, *Arte Egípcia*, Lisboa, Museu Calouste Gulbenkian, 1991.
- Paul BARGUET, *Le Livre des Morts des Anciens Égyptiens*, LAPO 1, Paris, Les Éditions du Cerf, 1968.
- José Nunes CARREIRA, *Filosofia antes dos Gregos*, Mem Martins, Publ. Europa-América, 1994.
- The Egyptian Book of the Dead. The Book of Going Forth by Day*, Cairo, The American University in Cairo Press, 1998.
- Raymond FAULKNER, *The Ancient Egyptian Book of the Dead*, Londres, British Museum Publications, 1985.
- Sir Alan GARDINER, *Egyptian Grammar, being an Introduction to the Study of Hieroglyphs*, 3ª ed. revista, Griffith Institute, Ashmolean Museum, Oxford, 1957.
- Manfred LURKER, *The Gods and Symbols of Ancient Egypt*, Londres, Thames and Hudson, 1980.
- José das Candeias SALES, *As Divindades Egípcias*, Lisboa, Editorial Estampa, 1999.
- Rogério Ferreira de SOUSA, *Os Doces Versos. Poemas de Amor no Antigo Egipto*, Fafe, Labirinto, 2001.